

4.

A apreensão do cotidiano: fator preponderante para uma ética da escrita.

4.1

O mundo interior rompe a casca

Este capítulo leva em consideração o confronto entre o mundo interior e o mundo exterior de José Gomes Ferreira. Partiremos dos acontecimentos da década 30 em diante, após um longo período de experiências em busca da maturidade poética, como pudemos perceber até aqui. Analisaremos a importância da questão histórica de um Portugal em total atraso político e cultural e o efeito dessa fase na literatura de José Gomes Ferreira.

Com a ascensão de Salazar e o endurecimento crescente da Ditadura, o poeta exacerba, em suas imagens sociais, a degradação do homem moderno operando “uma separação entre concepção de vida do poeta (ou do eu que se diz no poema) e o mundo”, como afirma António Pedro Pita¹ sobre o “Poema do Mundo Perdido”.

A percepção de mundo apresentada pelo poeta em 1937 em “Poema do Mundo Perdido”, suscitado pela derrota republicana em Espanha, acentua a irrealidade do universo sonhado em contra-posição ao real. A Guerra Civil Espanhola (1936-39) foi a primeira guerra testemunhada (“coberta”). A situação em Portugal em 1936, ou seja, um ano antes de José Gomes Ferreira escrever “Poema do Mundo Perdido”, era de total revolta contra o regime salazarista. A rebeldia dos descontentes com o regime estende-se até o ano seguinte, tendo em vista que “a última tentativa aberta de pôr fim ao regime por via não pacífica ocorreu em Julho de 1937, quando uma bomba quase atingiu Salazar, numa rua de Lisboa”.²

A respeito do “Poema do Mundo Perdido” escreve António Pedro Pita:

¹ PITA, A. P. “A transfiguração dos dias. LIMA, I. P.; EIRAS, P.; MARTELO, R. M. (ogs). In: *Viagem do Século XX em José Gomes Ferreira*, p. 33

² MARQUES, A. H. O. *História de Portugal*. Vol III. p.389-90.

A heterogeneidade da visão do mundo de José Gomes Ferreira estrutura-se neste espaço entre a concepção de vida e o actual momento do mundo, entre o mundo que “trago em mim” e o mundo “em que nasci”. É um amplo espaço de nuances, de metamorfoses e de transfigurações em que toma forma o recurso (também chamado técnica) de *viver duas vezes ao mesmo tempo*³

Essa técnica da *vida dupla*, recorrente no início da maturidade do poeta, aparece em “Poema do Mundo Perdido” como paradigma da “transfiguração”, como aponta Pedro Pita. Este poema inaugura o paradoxo recorrente na obra do poeta de reler a realidade e acrescentar a esta o ardor do presente que sonha um futuro “já-acontecido”. Este futuro de “ossos de pedras, / músculos de nuvens, / pele de paisagem...” quer, na verdade, ensinar “ao homem redimido/ a viver fisicamente/ a alma presente/ no corpo esquecido”.⁴ Ao responder a pergunta feita no início do poema “Por que não nasci no mundo / que trago em mim?”, o poeta pretende revelar uma projeção “do Sonho moribundo” de sua geração e lançar uma luz pressentida, como um cego que imagina o sol “através do luar” onde “a voz do rouxinol / sonambulamente” possa levar ao seu eu “subterrâneo”, “Um sol fechado num crânio / que é o outro rosto da treva / sombriamente a brilhar...”.⁵

A possibilidade de poder *viver duas vidas ao mesmo tempo* concentra uma concepção de vida em oposição ao mundo em que se encontra, projetando dessa forma “Um mundo com outra cor, / outro jeito de harmonia”⁶, onde a simplicidade “duma nova geometria” possa atender às necessidades do poeta em consonância com a realidade em que vive. Pois só consegue fazê-lo com uma “linguagem sombria / de fórmulas complicadas”⁷ no sentido de poder formular através do seu universo interior “um mundo sem cóleras nem lutos”, onde, por meio de uma estética fundamentada sobre o universo empírico das ações obscuras do século XX, o poeta dialoga com o real de maneira possível e feliz. No entanto, “só os artistas / vêem crescer / em árvores loucas / com corações nos ramos / e flores diferentes”⁸ um possível mundo onde “as pedras fogem dos caminhos / ao ruído dos passos...”⁹, deixando, assim, o caminho livre para um possível mundo idealmente melhor.

³ PITA, A. P. *A transfiguração dos dias*. p. 33

⁴ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante*. Vol I. p.122.

⁵ Ibid. p.121.

⁶ Ibid.. p.122.

⁷ Ibid.. p.122

⁸ Ibid. p. 123.

⁹ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante*. Vol. I p. 123.

Esta organização de imagens, geradas a partir de sua própria perspectiva, permite uma discussão aberta sobre a projeção de seus sonhos ideológicos e de sua relação com o real.

Como vimos no capítulo anterior, é possível perceber no poeta, através dos seus versos livres – o que fica mais evidente no conjunto de crônicas de *O mundo dos outros* – um reconhecimento da capacidade de imaginação espontânea que, através dela, muitas vezes fugindo da lógica aparente do real, como fizeram os surrealistas, consegue captar imagens do cotidiano em contraste com o seu mundo interior, como na crônica “Parece impossível mas sou uma nuvem” do livro *O mundo dos outros* (1950).

A dificuldade consiste em manter o equilíbrio entre as duas vidas que nem sempre conseguem coexistir harmonicamente separadas. Basta um grão de pó para que deixem de funcionar com independência. E aí de mim se a máquina exterior se desarranja. O monstro secreto rompe a casca, atravessa a pele, apodera-se da boca e dos braços, e desato a falar sozinho por essas ruas que é mesmo uma vergonha¹⁰

No poema II de *Areia* (1938), o poeta afirma, ao concluir entre parênteses: “(Sou eu a acrescentar o mistério do mundo / farto deste mistério de todos-os-dias)”.¹¹ José Gomes Ferreira, diferentemente de Pessoa, toma para si toda a responsabilidade de acrescentar aos mistérios do dia-a-dia um significado, cheio de implicações, pressupostos e conseqüências, carregando nos ombros um estilo único com apenas um nome, José Gomes Ferreira. Ou como afirma no final da crônica “Parece impossível mas sou uma nuvem”:

Sou sempre o que querem: bom, mau, epilético, filósofo, íntegro, puritano, devasso, pianista, sonâmbulo, tudo...
Só nunca fui uma coisa: *eu próprio*.
Mas esse é um dos muitos segredos que hei-de levar para a sepultura¹²

O poeta demonstra, de maneira livre e consciente, toda a contradição existente em sua literatura. A natureza poética de José Gomes Ferreira busca um aprofundamento do ser mediante os acontecimentos cotidianos, numa ação contínua de enfrentar o aprisionamento da democracia, desde o movimento militar de 28 de Maio de 1926 até o final do Estado Novo. Sempre em busca da liberdade, a sua poética do cotidiano está continuamente se reinventando diante do choque entre o mundo que carrega em si e o mundo exterior, como

¹⁰ Id. *O Mundo dos Outros: histórias e vagabundagens*. p. 48.

¹¹ Id. J.G. *Poeta Militante*. Vol. I. p.127.

¹² Id. *O mundo dos outros: histórias e vagabundagens*. p. 50.

vimos acima, em “Poema do Mundo Perdido”. No entanto, essa percepção já se evidencia no primeiro poema da sua fase adulta, *Viver sempre também cansa*, publicado pela Revista *Presença*, no qual acentua a idéia de rotina, cotidiano e, principalmente, a contínua e monótona repetição das práticas políticas. Segundo Oliveira Marques, em 1931, ano em que José Gomes Ferreira escreve o poema, “registram-se duas revoltas, a primeira de Abril a Maio, na Madeira, Açores e Guiné (...); a segunda, em 26 de Agosto, também em Lisboa, com alguma virulência”.¹³ A inalterabilidade de uma política que se mostra cada vez mais forte e sempre igual em sua força repressiva fez com que José Gomes Ferreira percebesse o mundo, a partir dos acontecimentos, sempre com um certo otimismo, restando somente o desejo de poder morrer por um instante para renascer diante dos acontecimentos com um ar jovial, de inocência irradiante.

Viver sempre também cansa.

O sol é sempre o mesmo e o céu azul
ora é azul, nitidamente azul,
ora é cinzento, negro, quase-verde...
Mas nunca tem a cor inesperada.

O mundo não se modifica.
As árvores dão flores,
folhas, frutos e pássaros
como máquinas verdes.

As paisagens também não se transformam.
Não cai neve vermelha,
não há flores que voem,
a lua não tem olhos
e ninguém vai pintar olhos à lua.

Tudo é igual, mecânico e exacto.

Ainda por cima os homens são homens.
Soluçam, bebem, riem e dirigem
sem imaginação.

E há bairros miseráveis sempre os mesmos,
discursos de Mussolini,
guerras, orgulhos em transe,
automóveis de corrida...

¹³ MARQUES, A.H.O. *História de Portugal*. Vol III. p. 380.

E obrigam-me a viver até à Morte!

Pois não era mais humano
morrer por bocadinho,
de vez em quando,
e recomeçar depois,
achando tudo mais novo?

Ah! se eu pudesse suicidar-me por seis meses,
morrer em cima dum divã
com a cabeça sobre uma almofada,
confiante e sereno por saber
que tu velavas, meu amor do Norte.

Quando viessem perguntar por mim
havia de dizer com teu sorriso
onde arde um coração em melodia:
“Matou-se esta manhã.
Agora não o vou ressuscitar
por uma bagatela.”

E virias depois, suavemente,
velar por mim, subtil e cuidadosa,
pé ante pé, não fosses acordar
a Morte ainda menina no meu colo...¹⁴

Através da escrita diarística, o poeta, por meio de sua ideologia¹⁵, parte em busca de uma transformação do mundo em que se encontra. Temos de pensar que José Gomes Ferreira pretende criar, a partir de sua experiência individual, uma nova ordem de significação do mundo. A utopia, tão bem delineada em seus poemas, apesar de “distorcer” a realidade em questão, acaba por contribuir para uma transformação dessa mesma realidade a partir de suas imagens.

No poema IV de *Areia* (1938), um ano antes da Segunda Guerra Mundial, o mundo interior do poeta, representado aqui pela imagem do jardim, apresenta um ideal com base no presente em que vive, ressaltando, ainda mais, a sua concepção de mundo.

Meu jardim perdido de flores suspensas,
meu longe jardim
só desvios altos,
tão alheios às raízes de mãos pardas

¹⁴ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante* Vol I. p. 15-16.

¹⁵ Estamos trabalhando com o conceito marxista de ideologia no qual as idéias servem de armas para interesses sociais.

que procuravam na terra
ouro para as flores...

Meu jardim perdido
onde todas as manhãs
rasgava no frio das pedras
bocas à punhalada
para ouvir cantar
a alegria de me sentir fora de destinos
com ilhas de indiferenças nos olhos.

Meu jardim distante
onde a liberdade
era saltar com algemas
na relva florida
...enquanto as árvores
– mulheres disfarçadas de ramos –
me esperavam no caminho
para me abraçarem, sôfregas,
numa entrega de flores...

Meu jardim distante
empedrado de desejos
onde em vez de sombra
trazia um sol de rastos
que na primavera do mundo
subia de mim para o céu.

Meu jardim perdido...

Ah! e ainda bem que perdi!
Para poder sonhá-lo agora,
diferente de rosas novas
– para ti também, mendiga,
que todas as noites
me estendes a mão
na esquina dos soluços
com esqueleto de outra morte ao colo...¹⁶

O cotidiano se mostra como uma realidade concreta. No entanto, quando filtrada pela subjetividade do poeta, acaba por trazer um outro sentido à vida diária. O mundo que se origina no pensamento e na ação do poeta é afirmado por ele como sendo real, é com a linguagem que a sua fundamentação se faz.

Peter Berger e Thomas Luckmann, ao tratarem do tema do cotidiano, com base na sociologia do conhecimento, esclarecem, a partir da teoria de alguns pensadores, que “a

¹⁶ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante*. Vol. I. p.128-129

sociologia do conhecimento, portanto, deve tratar da construção social da realidade”.¹⁷ Para eles:

A realidade da vida cotidiana está organizada em torno do “aqui” de meu corpo e do “agora” do meu presente. Este “aqui e agora” é o foco da minha atenção à realidade da vida cotidiana. Aquilo que é “aqui e agora” apresentado em mim na vida cotidiana é o *relissimum* de minha consciência. A realidade da vida diária, porém, não se esgota nessas presenças imediatas, mas abraça fenômenos que estão presentes “aqui e agora”. Isto quer dizer que experimento a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporal-cotidiana diretamente acessível à minha manipulação corporal. Esta zona contém o mundo que se acha ao meu alcance, o mundo em que atuo a fim de modificar a realidade dele, ou o mundo em que trabalho. Neste mundo pragmático, isto é, minha atenção a esse mundo é principalmente determinada por aquilo que estou fazendo, fiz ou planejo fazer nele. Deste modo é meu mundo por excelência.¹⁸

O grau de experimentação da realidade cotidiana parece exigir do poeta duas linguagens literárias possíveis, a fim de poder dar conta do efeito do real no mundo que traz em si. O cotidiano aproxima diário e poema numa busca incessante do aqui (do corpo) e do agora (presente). Cada uma dessas linguagens traduz, em sua significação, uma maneira de interpretar a realidade dos fatos, sendo que o diário parece estar mais próximo da linguagem comum, do dia-a-dia, enquanto que o poema vai ao encontro de um mundo mais idealizado e interpretado de maneira a entender os acontecimentos cotidianos por um outro viés, talvez mais próximo do mundo sonhado, longe do real apresentado por Portugal durante o regime do Estado Novo. No entanto, ambas as linguagens delimitam o campo de significação da realidade à sua maneira. Segundo Beatriz Sarlo

Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência sem narração, redime-se de seu imediatismo ou de seu esquecimento e transforma no comunicável, isto é, no *comum*. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (...), mas a de sua lembrança.¹⁹

A lembrança sintetiza o grau de subjetivação, o poeta parece partir sempre do particular para diferenciar o seu aqui e agora diante do cotidiano dos fatos, que no universo

¹⁷ BERGER, P., LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. p. 39.

¹⁸ Ibid. p. 39.

¹⁹ SARLO, B. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. p. 24-25.

do diário acentua, ainda mais, a questão da escrita diarística. Contudo, ambas as linguagens “distorcem” o grau de realidade quando se apoderam da língua comum para traduzir os fatos do dia-a-dia, visto que os temas podem tratar de coisas vividas, imaginadas ou nunca sentidas. Tanto o diário quanto o poema libertam o aspecto mudo da experiência cotidiana para, a partir dele, [re]criar um campo semântico em torno dos dias comuns. Diário e poema se unem à subjetividade desfilando sensações diante dos acontecimentos. A questão corriqueira às duas linguagens advém do fato de o poeta sempre questionar o mundo interior no qual projeta sonhos e o mundo contemporâneo em que vive. Essa parece ser a questão central do universo literário de José Gomes Ferreira, ou seja, o paradoxo entre o mundo que traz em si e o mundo real em que vive o agora.

Pois foi precisamente hoje – dia de sol, de andorinhas, de árvores azuis, etc. – que os homens resolveram não coincidir com a natureza. Foi precisamente hoje que todos vieram para a rua com tempestades por dentro, num estoirar de trovoadas interiores a rasar as almas de lés a lés, com relâmpagos negros nos olhos sorumbáticos e trovões no furor justo daquela mulher, de giga à cabeça, aos berros para uma senhorita encostada ao parapeito da janela do seu terceiro andar com os braços papudos de nada fazer:

– se quiser, venha cá a baixo, sua gulosa!

Mal deitei o nariz fora da porta, logo pressenti o desconcerto do dia, bem visível nesta não-coincidência do azul do céu com as carantonhas de palmo e meio das pessoas que me acotovelavam na rua.

“A minha também deve estar de meter medo” – pensei. E disfarçadamente mirei-me no espelho lateral de uma montra.

Mas não cheguei a qualquer conclusão. Limitei-me a verificar mais uma vez o espanto de trazer por fora um ser tão completamente diferente de mim e pus-me de novo a caminho.²⁰

A significação que nos oferece o poeta sobre o mundo em questão, parte, justamente, do desejo de tentar interpretar o cotidiano sem fugir à compreensão do universo significativo que traz em si.

Este questionamento aparece no último poema de *Café*, apresentado pela epígrafe “Estética do Grito”. José Gomes Ferreira entende que a poesia não sabe recriar o real sem que seja pela ótica da metáfora, da sinestesia, e faz um pedido para que esta seja mais contundente com a realidade no mundo em que se encontra. No entanto, percebemos que o

²⁰ FERREIRA, J.G. *O mundo dos outros*. p. 59-60.

mundo retratado, apesar de passar pela subjetividade, torna o mundo mais real, não só para o seu interlocutor, mas também para si próprio.

Vai-te, Poesia!

Deixe-me ver friamente
a realidade nua
sem ninfas de iludir
ou violinos de lua.

Vai-te, Poesia!

Não transformes o mundo
descarnado e terrível
num céu de esquecer
com mendigos de nuvens
famintos de estrelas
e feridas a cheirarem a cravos
– enquanto os outros, os de carne verdadeira,
uivam em vão
a sua fome de cadelas
e de pão.

Vai-te, Poesia!

Deixe-me ver a vida
exacta e intolerável
neste planeta feito de carne humana a chorar
onde um anjo me arrasta todas as noites para casa pelos cabelos
com bandeiras de lume nos olhos,
para fabricar sonhos
carregados de dinamite de lágrimas.

Vai-te, Poesia!

Não quero cantar.
Quero gritar²¹

As imagens simbólicas, propostas por José Gomes Ferreira, “tornam-se componentes essenciais da realidade da vida cotidiana e da apreensão pelo senso comum desta realidade”.²² Assumindo inteiramente a responsabilidade por aquilo que escreve, como acontece a um escritor engajado, o poeta toma consciência de sua historicidade e se

²¹ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante* Vol. II. p. 68.

²² BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A Construção Social da Realidade*. p. 61.

situa no presente dos acontecimentos, num tempo preciso, que determina e motiva a sua apreensão das coisas. “Porque escrever se identifica desde então com um projeto de mudar o mundo, e para que a literatura seja um autêntico empreendimento de mudança do real, é preciso que o escritor aceite escrever para o presente e queira “em nada faltar com o [seu] tempo””.²³

Não posso amar
sem imaginar
o meu desejo
de haver destino
na Tempestade...

A realidade
não é o que vejo
mas o que imagino
para ser verdade.²⁴

A construção de uma nova realidade, a partir do que se imagina, fundamenta uma certa formulação teórica da realidade. “É preciso continuar a fingir a vida”²⁵ para que o real ganhe sentido. “Porque é que este sonho absurdo / a quem chamam realidade / não me obedece como os outros / que trago na cabeça”.²⁶ Assim segue o poeta a buscar no mundo uma acepção verdadeira do real que traz em si.

Todas as noites procuro no céu
o meu mundo verdadeiro...
– planeta de carne de lágrimas
onde as fontes pensam,
as árvores gritam,
as pedras sangram
e o vento fala a nossa língua
que as flores da Terra não atendem
no enleio do cio dos insectos...

Um mundo com outra paisagem
tão diferente desta natureza
de ninfa de sol azul

²³ DENIS, B. *Literatura e Engajamento: de Pascal a Sartre*. p. 38-39.

²⁴ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante*. Vol. I. p. 224

²⁵ Ibid. Vol. II. p. 213.

²⁶ Ibid. Vol. I. p. 132.

que, todas as manhãs,
vem, com as suas blandícias de mulher,
algemar de flores as minhas mãos
que querem combater.²⁷

O universo literário de José Gomes Ferreira põe em cruzamento sonho e realidade de maneira a superpor imagens que contribuam na interpretação da realidade. Talvez possamos dizer que a realidade, como ela se apresenta, encontra no diário um recurso lingüístico mais próximo do senso comum, porque o diário não finda o desejo ardente do poeta de tentar fixar a realidade cotidiana. Entretanto, ele parece não conseguir entender o real sem a vertigem do sonho que impera na poesia. No universo literário de José Gomes Ferreira, sonho e realidade caminham juntos em busca de uma certa coerência estilística, sem, contudo, abrir mão da unicidade que estas duas possibilidades apresentam na interpretação dos acontecimentos que movem o mundo.

Hoje para mim o Sonho e a Realidade
confundem-se no mesmo fel lascivo
de subterrâneo sujo...

Mentira?... Verdade?..
Sei lá se sonho ou vivo!
(Fujo.)²⁸

A escrita de José Gomes Ferreira, usando as palavras de Barthes, “faz da forma uma conduta e provoca uma ética da escrita”.²⁹ A fórmula do estilo parece nascer da dispersão do real e do desmembramento deste numa linguagem profícua e dialética, para tentar entender o movimento contínuo do dia-a-dia e os seus efeitos de verdade. Há em José Gomes Ferreira, uma inquietação em torno da verdade, uma busca constante que, por ser contínua, o impede de relaxar fora da linguagem, como se só a escrita pudesse dar conta de todo um questionamento dessa grandeza. Esse movimento consecutivo acaba por transformar o poeta num homem solitário, sempre em busca da razão de poder dar conta da

²⁷ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante*. Vol. I. p. 193.

²⁸ Ibid. Vol. III. p.107.

²⁹ BARTHES, R. *O grau zero da escrita*. p.73.

sua verdade, assim, aproximando os poetas dos homens comuns. A escrita acentua uma solidão espontânea, pois somente o distanciamento consciente pode “salvar” o poeta de uma solidão involuntária, embora este ato seja, todo ele, marcado pela necessidade de entender, através do seu *íntimo e pessoal*, como nos ensinou Almada Negreiros³⁰, não só o mundo em que vive, mas também o universo literário em que se situa.

E no entanto que rude e tenebroso ofício o dos poetas! (para além da contagem das sílabas pelos dedos, claro). Que inquietação de tortura constante por sentirem que a verdade lhes foge, lhes foge sempre, através da zona dos corredores interditos, cada vez mais absurda e infixável, não obstante o suor de mil horas de raiva sem intercadência, a dormir e acordado, de dia e de noite, na terra e no inferno, nas insónias e nas quimeras. E tudo a frio, implacavelmente a frio, do lado mais sujo dos gritos, para verem bem, analisarem bem, com um estilete nítido de lágrimas geladas, até o rosto da mãe morta no caixão, até a Cidade Ideal, de súbito trémula de esqueletos nas árvores!

Os pobres dos coitados exploradores profissionais da solidão!

Cuidado, porém. Aqui solidão não significa emparedamento ou incomunicabilidade, mas afastamento provisório para sublinhar a virtude de certas forças que aproximam mais os poetas dos homens. E por vezes também uma espécie de alheamento técnico que lhes permite decantar nos corações atentos as paixões, as essências e os descarnes de todos. Nem outra solidão, aliás, me parece possível em quem emprega as palavras de toda a gente, tão carregadas de sombras e de espectros, como material de expressão própria – as boas palavras, aquecidas pelo bafo e pela experiência secular de milhões e milhões de criaturas que os poetas, nas suas cavernas de solitários, tentam ajustar à descoberta de sentimentos de intimidade psicológica individual, num burburinho de imagens, vindas lá de fora do mundo, com que recriam vida, afeiçoam versos e “dizem “eu” / como os reis dizem “nós”, se me perdoam a pedantaria de me citar.³¹

No entanto, só a solidão parece ser capaz de instruir o poeta em seus sonhos, construídos à base da realidade esmagadora pela qual vai passando o mundo. Com o alargamento dos regimes despóticos que se espalham pela Europa, como o nazismo de Hitler na Alemanha, o fascismo italiano de Mussolini e Franco na Espanha, e mais a política castradora de Salazar com a criação do Estado Novo em Portugal, o poeta acaba por se fechar em seu mundo idealizado e a viver de ditar sonhos e imagens que ajudem a pensar o que é ser escritor no século XX.

³⁰ NEGREIROS, A. *Nome de Guerra*.

³¹ FERREIRA, J.G. *Relatório de Sombras ou A memória das Palavras II*. p. 30.

A história do escritor engajado ganha força com o caso Dreyfus, defendido por Émile Zola em fins do século XIX, recebe uma atenção maior com Jean-Paul Sartre no fim da Segunda Guerra Mundial. Benoît Denis, em estudo profundo sobre literatura e engajamento, afirma que o escritor engajado “deseja fazer aparecer o seu engajamento na literatura mesmo”³²; ele “deseja fazer de modo que a literatura, sem renunciar a nenhum dos seus atributos, seja parte integrante do debate sócio-político”³³

A escrita de José Gomes Ferreira atende aos princípios de uma literatura engajada, para ela “tornar-se um meio ao serviço de uma causa que ultrapassa largamente a literatura”.³⁴ O poeta destina-se a cantar as desgraças do mundo, muitas vezes infligindo um certo ódio à sua maneira de tentar acordar a sociedade para um julgamento mais fiel à condição de uma vida mais humana e menos separatista.

Homens: na noite do desânimo
levanto a minha voz
para pregar o ódio.

Um ódio total e violento
a todos os narcóticos
que adormecem a realidade
com neblinas de música.
Ódio às lágrimas mal choradas diante dos poentes,
à alegria das crianças mortas que teimam em rir nos olhos dos velhos,
às noites de insónia por causa duma mulher,
às flores que iluminam os mortos de alma,
ao álcool da arte-pura-pra-esquecer,
aos versos com túneis acesos por dentro das palavras,

(...)

às ninfas disfarçadas em canteiros de jardins,
e aos recantos foscos
onde escondemos a Verdade
em galerias de evasão
– só para que os nossos olhos continuem límpidos
a ignorarem todos os negrumes
com escadas até o centro da terra
e chagas verticais.

Ódio ao disfarce, às máscaras, ao “falemos noutra coisa”,

³² DENIS, B. *Literatura e Engajamento de Pascal a Sartre*. p. 22

³³ Ibid. p. 22

³⁴ Ibid. p. 25.

aos desvios, às fontes dos claustros, ao “vamos logo ao cinema”,
 aos problemas de xadrez, aos dramas de ciúmes, às infantas do fogo das
 [lareiras,
 e aos que não têm a coragem
 de estacar, pálidos,
 com unhas na carne
 a olhar de frente,
 sem arrancar os olhos
 os caminhos dos mortos sagrados
 até os horizontes onde homens se ofuscam das manhãs virgens.

Ódio a todas as fugas, a todos os véus,
 a todas as aceitações, a todas as morfina,
 a todas as mãos ocas das prostitutas,
 a todas as mulheres nuas em coxins de afagos,
 para nos obrigarem a esquecer...

Mas eu não quero esquecer, ouviram?
 Não quero esquecer!
 Quero lembrar-me sempre, sempre e sempre
 deste mundo de abismo,
 para transmiti-lo de alma em alma,
 de treva em treva,
 de corvo em corvo,
 de escharpa em escharpa,
 de esqueleto em esqueleto,
 de força em força,
 até ao Ranger do Grande Dia
 para a Salvação do Mundo
 sem anjos
 nem demónios
 – mas só homens e Terra.³⁵

O ódio propagador questiona a violência dos atos na sociedade moderna, dilui as equações possíveis, deixando o caminho livre para uma certa liberdade poética de poder falar pelos outros. O poeta deseja formar idéias novas que possam ajudar a sociedade a exercer o seu juízo moral e político de maneira coerente. Hannah Arendt nos lembra que o elemento de violência é

inevitavelmente inerente a todas as atividades do fazer, do fabricar e do produzir, isto é, a todas as atividades pelas quais os homens se confrontam diretamente com a natureza, em contraste com as atividades tais como a ação e a fala, as quais se dirigem basicamente para seres humanos”³⁶

³⁵ FERREIRA, J. G. *Poeta Militante*. Vol I. p.115-117.

³⁶ ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. p. 151.

A violência transparente dos versos de José Gomes Ferreira parece querer acordar o homem de sua passividade diante do mundo capitalista, e talvez por isso a sua poesia jamais expresse o desejo de não esquecer os atos do cotidiano; o poeta pretende nunca parar de contribuir, receitar, reinventar o mundo em contraste com os governos ditatoriais.

Com uma erupção de imagens que nascem da teia dos acontecimentos diários, a escrita de José Gomes Ferreira possui o que Barthes chama de “organismo independente”

A escrita moderna é um verdadeiro organismo independente que cresce ao redor do ato literário, decora-o com um valor estranho à sua intenção, compromete-o continuamente com um duplo modo de existência e superpõe ao conteúdo das palavras, dos signos opacos que carregam em si uma história, um compromisso ou uma redenção secundárias, de modo que à situação do pensamento se mescla um destino suplementar, muitas vezes divergente, sempre embaraçoso, da forma ³⁷

O compromisso ético e moral da escrita de Gomes Ferreira é fruto da expectativa individual de buscar uma saída natural diante dos acontecimentos repressores pelos quais vai passando o século XX. As ocorrências do dia a dia ganham relevância tanto no diário quanto na poesia, talvez, porque como escreve António Ramos Rosa sobre *Poesia IV*: “José Gomes Ferreira não esquece um só momento que a realidade do universo é terrífica e que a condição humana é trágica, de uma insegurança total”.³⁸ A realidade serve ao poeta a condição de poder refletir sobre a insegurança, no qual o ser humano encontra-se e, quem sabe, poder dar conta desta situação do homem no mundo em que vive. O cotidiano e suas implicações movem o poeta de maneira objetiva sobre as questões sociais, embora as imagens usadas em sua escrita sejam quase todas de ordem paradoxal, talvez como forma de não fechar a verdade numa única questão. Como defende Deleuze a respeito dos paradoxos: “Seria preciso ser muito “simples” para acreditar que o pensamento é um ato simples, claro para si mesmo, que não põe em jogo todas as potências do inconsciente e do não-senso no inconsciente”.³⁹

Essa possibilidade de pôr em *jogo todas as potências do inconsciente*, da qual fala Deleuze, é recorrente na teoria que Gomes Ferreira desenvolve sobre a própria poética. Ele sabe dos escaninhos em que os pensamentos se encontram e da dificuldade em atracá-los

³⁷ ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. p. 151.

³⁸ ROSA, A. R. *José Gomes Ferreira – Poesia IV – crítica*. p. 84

³⁹ DELEUZE, G. *A lógica do sentido*. p. 77.

aos cais da escrita. No entanto, o universo inconsciente acontece de forma *espontânea*, sem maquinações, de modo que o inconsciente gera, naturalmente, poesia.

Ah! já me esquecia da virtude maior: a espontaneidade. A famosa espontaneidade que nas artes escritas se falsifica no segredo dos laboratórios pacientes de cada um, mas que na arte menor dos comentários de improviso, embora não falem truques e receitas para a simulação, obedecem em geral a um ritmo paralelo ao engendrar da poesia no subconsciente. E quando por fim irrompem, iluminados de inteligência, até parecem criados de propósito para a síntese daquele mesmo instante – resumo límpido de mil complicações e enredos numa única flor de cheiro tão simples.⁴⁰

4.2

O realismo de José Gomes Ferreira

A maturidade dos escritores da geração subsequente à de José Gomes Ferreira nasce da “mediocridade emocional nas sociedades opulentas e inseguras do ocidente do pós-guerra”.⁴¹ A escrita de cunho social do poeta pretende intervir ativamente na coletividade, buscando assim, contribuir para a construção de uma pátria mais coerente. Segundo José Cardoso Pires: “Não participar, pois, do debate activo do seu país corresponde a uma alienação do exercício do escritor e a um empobrecimento desse mesmo país”.⁴² É preciso criar documentos que tragam à luz a realidade humana para que assim se possa ter uma qualidade de informação à altura do real que a literatura é capaz de produzir.

Se não nos é dado analisar o homem à luz da discussão dos problemas que o definem, à razão das estatísticas ou no uso pleno do acesso às fontes de estudo, a representação que dele fizermos será perigosamente intuitiva, fatalmente empobrecida, e frequentemente estereotipada. A capacidade de informação está na base da qualidade de expressão⁴³

⁴⁰ FERREIRA, J.G. *Relatório de sombras ou a memória das palavras II*. p. 37.

⁴¹ HOBBSAWN, E. *Revolucionários*. p. 140.

⁴² PIRES, J.C. *E agora José?*. p. 28.

⁴³ *Ibid.* p. 28.

É no século XX que a literatura nos dá conta da importância de uma “consciência lúcida do escritor de pertencer ao mundo e [da] vontade de mudá-lo”⁴⁴. Na busca de estabelecer uma reflexão sobre o mundo em que vive, os escritores portugueses fizeram o marxismo transitar imediatamente da idéia para o Homem⁴⁵, fez da técnica a *práxis* necessária, pois, segundo António Pedro Pita, a máquina acabou por transformar a relação dos homens com a natureza, alargando-a e aprofundando-a; a máquina “passou a fazer parte da complexidade do aparelho perceptivo humano”.⁴⁶ O posicionamento do eu lírico de Gomes Ferreira tem a convicção do real e o imediatismo dos acontecimentos, ante a possibilidade de poder tentar dar conta, através da linguagem, das contradições do real, encontrando no limite de toda e qualquer situação, “o meio para a expressão da própria vida”.⁴⁷ Segundo António Pedro Pita ao tratar do neo-realismo: “A arte afectaria a realidade de uma mutação ontológica: por esta mutação, os homens passariam a ter diante de si – dos seus olhos e dos sentimentos – aquelas mesmas condições em que vivem”.⁴⁸

A instauração do Estado Novo em 1932 por Oliveira Salazar, à sombra do regime “corporativo” que Benito Mussolini acabara de instituir na Itália, faz dos escritores grandes defensores da democracia portuguesa. Com um regime autoritário católico e com uma polícia política a combater qualquer tipo de manifestação democrática, que “disseminou sua insidiosa influência por todo o país, recorrendo a uma rede de colaboradores e espiões”,⁴⁹ a vida social em Portugal tornou-se um inferno com o estabelecimento do Estado Novo. Pois, como afirma Kenneth Maxwell, “como o perigo espreitava em cada conversa de teor político, as pessoas tornaram-se furtivas, desconfiadas e caladas”.⁵⁰

Para José Cardoso Pires, esse sistema de censura criado pelo Estado Novo, na verdade, foi a técnica mais aprimorada do regime, pois segundo o escritor:

Portugal, com 420 anos de Censura em cinco séculos de imprensa, representa uma experiência cultural à taxa de repressão de 84 por cento. Ao longo de gerações e gerações, através de monarquias e impérios; de inquisições, ditaduras; arrastando silêncios, arrastando exílios, uma lenta procissão de mártires desfilou por esse incalculável *corpus* de naufrágio

⁴⁴ DENIS, B. *Literatura e engajamento*. p. 37-38

⁴⁵ PITA, A. P. In: *Reflexões sobre um movimento: perspectivas para um museu*. p. 137.

⁴⁶ Ibid. p. 137

⁴⁷ PITA, A.P. In: *Reflexões sobre um movimento: perspectivas para um museu*. p. 141.

⁴⁸ Ibid. p. 141.

⁴⁹ MAXWELL, K. *O Império Derrotado: Revolução e Democracia em Portugal*. p. 35.

⁵⁰ Ibid. p. 35

que são os milhares de quilómetros de textos lançados às fogueiras e aos arquivos. Todo esse percurso tem a grandeza de uma resistência que se tornou histórica e dia a dia renovada com ardis e exemplos de insubmissão. Mas, dia a dia também, a Censura foi-se instituindo como uma tradição repressiva, cada vez mais apurada, que no regime de Salazar acabou por atingir uma coerência técnica bem definida.⁵¹

Com uma alta taxa de repressão ao longo de 420 anos, até o seu auge com o regime salazarista, o que resta aos escritores? Talvez um certo hermetismo na integração dos símbolos com o real, numa busca incessante de fazer dos seus leitores pessoas disseminadoras de idéias sem censura em suas próprias vidas, mantendo uma certa coerência na liberdade silenciosa das entrelinhas, dos livros e da vida. Assim, exemplifica Cardoso Pires:

Silêncio, portanto, no exterior. *Pax intra muros*. Batalhões de censores à imprensa e aos espetáculos, à radiotelevisão e à publicidade comercial eram colaborados em paralelo pela vigilância da PIDE às comunicações privadas e às iniciativas culturais da Escola e da Empresa; pelas comissões ministeriais que faziam a programação do ensino e a selecção ideológica dos professores; pelo controlo dos emissários do Governo Civil a cada reunião pública; pelos condicionamentos de tipo económico na própria instalação dos mass medias; pelos serviços de escuta aos postos radioamadores; pelo suborno. A selar a paz doméstica, a autocensura com todas as suas expressões de medo e de servilismo.⁵²

A literatura de José Gomes Ferreira pretende acordar a fragilizada sociedade portuguesa que já não sonha com um mundo melhor e livre das amarras do regime que limita a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Diante das contradições políticas do governo de Salazar, que centra a sua tese no catolicismo moralizante, a pior delas talvez seja justamente essa espécie de “lavagem cerebral” instituída pelo regime, o ponto mais forte dessa profilaxia apontada por Cardoso Pires. Daí a importância das palavras para Gomes Ferreira e a sua sinestesia apurada de produzir relações subjetivas espontâneas no século em que a imagem torna-se cada vez mais forte.

Foi então que descobri as palavras.

Gelo de saliva,
sombras desviadas,

⁵¹ PIRES. J.C. *E agora José?*, p. 163

⁵² PIRES. J.C. *E agora José?*, p. 163

capuzes de névoa,
sacos de sol frio,
fogueiras que nos criam com o fumo
– e os homens nas cavernas
a morderem as urtigas,
os bichos, os morcegos,
de lábios nas pedras,
nas folhas, nas sementes,
fiel de línguas roucas,
sangue de sal ácido,
– o mundo forrado de bocas.

Foi então que descobri as palavras.

Máscaras transparentes
que dão às coisas
os perfumes verdadeiros
das luzes incoincidentes.⁵³

Segundo Berger e Luckmann, “o ser humano tem de estar continuamente se exteriorizando na atividade”.⁵⁴ A presteza da escrita parece ser o meio pelo qual o poeta se exterioriza e se entende. Todo o conhecimento do poeta se dá através da escrita. A necessidade de fundamentar a sua existência e a dos seus, em meio às contradições cada vez mais evidentes da política salazarista, faz da obra de Gomes Ferreira uma certa antecipação da ideologia da escola neo-realista, na qual, mais tarde, seu nome apareceria. Segundo o professor António Pedro Pita,

A comunicabilidade imediata (para que a tomada de consciência das contradições da realidade ao serem vistas e percebidas pudesse acelerar a consciência das contradições vividas) é um meio necessário à estética neo-realista, na linha de Plekanov, que “a arte deve contribuir para o desenvolvimento da consciência humana e para o aperfeiçoamento da ordem social”.⁵⁵

O Neo-Realismo⁵⁶ começa sem nome, com alguns poucos rapazes no início dos anos 30, de onde muitos deles nem seguiriam com a literatura. O processo de constituição do movimento autônomo dessa literatura se faz sobre o reconhecimento da importância da

⁵³ FERREIRA. *Poeta Militante*. Vol III. p. 61.

⁵⁴ BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. p. 77.

⁵⁵ PITA, A.P. In: *Reflexões sobre um movimento: perspectivas para um museu*. p. 141.

⁵⁶ A nossa idéia sobre a escola Neo-Realista advém da aula ministrada pelo professor português, António Pedro Pita em 14 de maio de 2008, na Puc-Rio.

arte como arte filosófica, levando em consideração a sua importância social e política, e da possibilidade de uma certa reorganização da base da sociedade. O Neo-Realismo seria a arte para gerar comunidade. Segundo o professor Pedro Pita, é com Bento de Jesus Caraça, em conferência sobre a nova intelectualidade, publicada em 1933 e intitulada “A Arte e a Cultura Popular” que estaria a precedência do movimento. Em conferência proferida em 20 de Maio de 2000, intitulada “Bento de Jesus Caraça: Crise e Enciclopedismo”, publicada pela Revista *Intellectus*, sobre as preocupações sociais do professor e matemático, escreve António Pedro Pita: “Bento Caraça pensa o seu presente em nome do seu futuro”⁵⁷ e mais à frente acrescenta: “Pensar o presente é pensar a sua pluralidade de futuros. Mas pensar o presente sob a óptica militante de quem quer um futuro é reduzir progressivamente os futuros possíveis em nome dos futuros desejáveis”.⁵⁸

José Gomes Ferreira, escritor de um período anterior ao movimento Neo-Realista, colega de Bento de Jesus Caraça, parece antecipar em sua escrita essa mesma questão sobre a qual fala Pedro Pita em relação a Bento Caraça, ou seja, de que viver os futuros possíveis em nome dos futuros desejáveis é já uma necessidade vigente.

José Gomes Ferreira nunca deu por si de que os seus “improvisos e tentames”⁵⁹ seriam lidos e teorizados com um cunho mais socialista, afinal o que havia projetado em sua teoria sobre o *Poeta Militante* era, na verdade, “militante” da poesia.

Entretanto, nesta cavalcada nevoenta de mil patas de vendavais, bocejos, anúncios às cintas Pompadour e artigueiros sobre fitas, alcancei o ano de mil novecentos e trinta e tal, nas proximidades do movimento literário conhecido pelo rótulo neo-realismo – e sei isso agora pela História. Mas na altura nem creio que reparasse na ligeira marcha das pegadas – uma neste verso, outra neste, outra naquele... – da Musa das manhãs novas. De diferente, apenas talvez a sensação de respirar melhor o ar que me pertencia.⁶⁰

Segundo Gomes Ferreira, muito antes de nascer os livros de versos iniciais do Movimento”⁶¹ neo-realista, os poetas se “entredavam na tentativa de fixar a nova linguagem”⁶² que consolidasse o dia-a-dia entre balbucios gerais que começavam a surgir. O poeta escreve que é por volta de 1937 que se dá o encontro dele com Mário Dionísio,

⁵⁷ Id.. In: *Revista Intellectus*. p.1

⁵⁸ Ibid.. p.1

⁵⁹ FERREIRA, J.G. *A memória das palavras*. p. 212

⁶⁰ Ibid. p. 210

⁶¹ Ibid. p. 211

⁶² Ibid. p. 211

quando este, junto a um companheiro, pede-lhe um poema, para a surpresa de José Gomes Ferreira de terem reparado nele, que de pronto prometeu-lhes colaborar.

Entreguei-lhes, ou pensei em entregar-lhes, o *Poema do Mundo Perdido* que – noto-o agora com desprazer – poderia parecer um balde de água fria atirado de propósito pra lhes arrefecer os corações de desanimá-los do *mundo sem cólera nem lutos / em que tudo é humano até o homem* por que suspiravam e eu (em 1937, calculem!) sabia impossível.⁶³

Muito feliz ficou o poeta com a atenção dada a suas poesias que, segundo ele, não passavam, nessa época, de meia dúzias delas, “insertas nas revistas *Presença*, na *Descobrimento* e na *Seara Nova*, visto que o mistério das gavetas continuava inviolado”.⁶⁴ Desde logo, Gomes Ferreira havia reparado naquele jovem (Mário Dionísio) com vinte anos, e que viria a se impor “como doutrinador do neo-realismo”,⁶⁵ como um autor que viria a pisar por caminhos dantes jamais pisados. Gomes Ferreira reivindica o fato de nunca ter lido que foi Mário Dionísio quem pela primeira vez aboliu a pontuação nos versos, o que, segundo o poeta, provocou um “alto escândalo entre 1945 e 1950”.⁶⁶

Segundo José Gomes Ferreira, é com o *Novo Cancioneiro* que acontece a fusão entre “as duas correntes irmãs de Coimbra e de Lisboa que apresentavam algumas diferenças entre si”.⁶⁷ Em Coimbra o neo-realismo concentra-se em torno do prestígio e mestrado de Afonso Duarte, que serve de padrinho ao *Novo Cancioneiro*.

Em Lisboa, segundo o testemunho do próprio Mário Dionísio no prefácio dos *Poemas Completos* de Manuel da Fonseca, os neófitos, sem mestre nacionais possíveis, procuravam, no entanto, nos escritores mais velhos da sua linha o amparo indispensável a esses cometimentos “... Íamos ouvir” – rememora Mário Dionísio – “o que diriam disto e daquilo o Rodrigues Miguéis (com *Páscoa Feliz* premiada pela Casa da Imprensa havia pouco), o Manuel Mendes e Armindo Rodrigues, o José Gomes Ferreira mais a sua camisola norueguesa, que não parecia ainda exactamente o Zé Gomes de hoje, mas afinal o era, escrevendo, sem dizer nada a ninguém, o seu quase diário” desses anos só na aparência tranqüilos, a que chamou “Heróicas” (*Terra: / endurece mais! // Recusa a abrir-te em cova / para esconder o Poeta / no silêncio das raízes: // Deixa-o apodrecer no chão / como uma bandeira de carne de remorsos*. Às “Heróicas”, que vieram a resgistar a sua conhecida

⁶³ Ibid. p. 213.

⁶⁴ Ferreira, J.G. *A memória das palavras*. p. 214.

⁶⁵ Ibid. p. 213.

⁶⁶ Ibid. p. 214.

⁶⁷ Ibid. p. 214

resolução: “Junto a minha voz ao coro dos poetas mais novos. Recuso-me a ter mais de vinte anos”.⁶⁸

O estilo de Gomes Ferreira, segundo o próprio, está acima de qualquer escola. A sua influência sobre o grupo dos neo-realistas é clara como podemos constatar através das palavras de Mário Dionísio acima. No entanto, a sua poética sempre esteve longe de qualquer movimento, sempre foi mais uma investigação pessoal sobre os seus questionamentos que o levaram a um método e uma técnica por ele mesmo desenvolvida. Em seu diário *Dias Comuns I. Passos Efêmeros*, o poeta esclarece a sua posição diante do movimento através dos “historiadores e teorizadores a *posteriori* do neo-realismo” nos quais José Gomes Ferreira diz concordar com a seguinte opinião.

Verificarão também, e também, por exemplo, que um poema como “Viver sempre também cansa”, de José Gomes Ferreira, escrito e publicado em 1931 (“presença”) e os muitos que se lhe seguiram interessam, sim, ao estudo dessas raízes, mas não chegam talvez para classificar este grande poeta de “neo-realista”, salvo numa acepção excessivamente lata, que, por isso, só dificulta a compreensão do problema. Por estranha que esta opinião se afigure, as ligações existentes entre um José Gomes Ferreira e os poetas mais representativos do “Novo Cancioneiro” são menos directas e, todavia, bem mais profundas do que a apressada aplicação dum rótulo poderá fazer crer.⁶⁹

Houve sim uma necessidade do poeta de se colocar diante das discussões, de poder defender o grupo, pois a maneira como eles eram vistos não lhe agradava.

É preciso explicar. Eu próprio, depois de receber o Grande Prémio da Poesia, vim uma vez a público confirmar, orgulhoso, o rótulo: “Sou Neo-Realista! Quero ser Neo-Realista!” Mas fi-lo apenas por lealdade para com os meus velhos companheiros, então hoje, atacados com tanta injustiça, e, sobretudo, para desiludir os pescadores de águas escuras que já começavam a querer seduzir-me com a isca do costume: “está de todas as escolas”, etc.⁷⁰

Segundo Gomes Ferreira, é natural que aconteçam ambigüidades atreladas à sua figura de poeta, principalmente pela sua longa atividade no campo da escrita. Gostaríamos de chamar atenção para o fato da poética de José Gomes Ferreira se ater em torno de uma impossibilidade, de uma totalidade discursiva sobre um acontecimento exterior, no que se

⁶⁸ Ibid. p. 215.

⁶⁹ FERREIRA, José Gomes. *Dias Comuns – I. Passos Efêmeros*. p. 144.

⁷⁰ Ibid. p. 144.

refere a uma lógica relacional entre o mundo que se passa em si e o mundo que se vai lá fora. “Todo discurso da fixação do sentido das diferenças é sempre *metafórico*, sendo a literalidade a primeira das metáforas”.⁷¹ A questão do desejo de fixar a realidade, de acordo com o mundo que traz em si, busca uma articulação entre os dois mundos, pois, de acordo com Burity, “É no terreno da tensão insolúvel entre interioridade e exterioridade que o social se constitui”.⁷² A teoria poética de José Gomes Ferreira entra no campo da complexidade supondo o materialismo histórico do início do movimento neo-realista, e reagrupa pensamento e realidade num sentido mais amplo, ao tentar acordar os portugueses sobre as injustiças pelas quais vai passando o país. Com base na nota que Mário Dionísio lhe dedicou no Antiprefácio de *Poesia Incompleta*, escreve o poeta:

Quais são as ligações “menos directas”, mas “todavia bem mais profundas” existentes entre mim e os poetas mais representativos do “Novo Cancioneiro”? O Materialismo Dialéctico?

Mas não será essa filosofia a base essencial que distingue o Neo-Realismo dos movimentos literários anteriores?

Nesse caso porque havemos de sacrificar o geral ao restrito? Ou reduzi-lo ao que foi em determinado momento histórico, à exígua adaptação do realismo socialista imposta por um grupo obediente a directrizes estreitas. (?)

Na verdade – e os que lançaram esse movimento não devem estranhar o facto, pois eram aderentes do materialismo dialéctico – depois o Neo-Realismo cresceu, excedeu a semente inicial. E não parou mais.

Não pára. Nem a morte.⁷³

A poética de Gomes Ferreira busca o excesso de sentido, o transbordamento de significados, a polissemia, além da repetição de signos, onde a proposição das diferenças entre interior e exterior parece buscar abrigo nos caminhos desiguais. Ou, como escreve Jacques Derrida, “O fora mantém com o dentro uma relação que, como sempre, não é nada menos do que simples exterioridade. O sentido do fora sempre foi no dentro, prisioneiro fora do fora, e reciprocamente”.⁷⁴

Que bom haver realidade,

⁷¹ BURITY, J. A. *Desconstrução, hegemonia e democracia: o pós-marxismo de Ernesto Laclau*. P. 14

⁷² Ibid. P. 14.

⁷³ FERREIRA, J.G. *Dias Comuns: Passos Efêmeros I*, p. 145-146.

⁷⁴ DERRIDA, J. *Gramatologia*, p. 43.

a luz, o calor, o cheiro
e estas pedras tão pequenas
a desenharem-se em chão.
Que felicidade
o mundo não ser apenas
o nevoeiro
da minha imaginação.⁷⁵

Deleuze, com base nos critérios formais estéticos de André Bazin, crítico do cinema neo-realista italiano, afirma que, no Neo-Realismo, “O real não era mais representado ou produzido, mas “visado”. Em vez de representar um real já decifrado, o neo-realismo visava, sempre ambíguo, um real a ser decifrado”.⁷⁶

A poética de Gomes Ferreira estabelece uma relação onírica com o real para, em seguida, oferecer ao leitor a sua livre expectativa da apreensão dos acontecimentos por meio de imagens que fundem o mundo interior com o exterior, deixando à mostra uma “descoberta constante” de um mundo que só é possível a partir da escrita, além de supor uma “vidência” de um realismo ambíguo em condições de estruturar os acontecimentos do dia-a-dia.

4.3

A casa da poesia: o mundo real de José Gomes Ferreira

Como fixar o mundo real sem sonhá-lo na “manhã de insinuações de sementes”?⁷⁷ Como apresentar as idéias para que elas floresçam no futuro? Como cuidar da humanidade por meio de palavras se a poesia alimenta a utopia e transcende a realidade? José Gomes Ferreira exalta a imaginação através da lucidez interior e percebe que é justamente à sombra do realismo de pesadelos que a sua poética é capaz de firmar certas impressões, pois “se não houvesse sonhos assim / não haveria borboletas”.⁷⁸

⁷⁵ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante* Vol. II. p. 44.

⁷⁶ DELEUZE, G. *A imagem-tempo*. p. 9.

⁷⁷ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante*. Vol. II p. 117.

⁷⁸ Ibid.. Vol. II p. 119.

Como atordoar a sociedade por meio da escrita se o analfabetismo é mais cruel que a própria realidade? Como falar dos acontecimentos presentes sem se esconder entre as palavras, ante a censura salazarista, castradora e beligerante para com os escritores portugueses? Talvez sonhando, idealizando, recriando, relendo, recordando...

Recordar torna o mundo mais exacto
com réguas de fumo,
ângulos perfeitos de olhos nos astros
– e a inocência daquele céu pardo
das manhãs inconcretas
que todos se lembram de ser azul
e não verde para lhe olharmos oceano
ou folha de árvore.

A realidade é mais confusão
máquina-doida-de-repetir sombras inconcluídas,
bocas dependuradas nos ramos e nas corolas,
destinos de morder o vento,
narinas nas flores,
conluio de pássaros com o sol,
as plantas enganaram-se e deram incêndio em vez de rosas,
construção da Cidade da Morte com pele e cal,
ervas pisadas por espectros
– e este cheiro tão bom a sonho
que torna o mundo mais efémero e real.⁷⁹

As aves nos fios telefónicos alimentam-se de palavras.⁸⁰

O universo subjetivo do poeta nasce à sombra do real e da necessidade do entendimento deste através da palavra. A censura durante o Estado Novo em Portugal parece ter contribuído para o universo poético de José Gomes Ferreira. Ajustar a literatura com base na política vigente provocou uma necessidade do novo, um alumbramento dêitico, justapondo sonho e realidade em oposição à filosofia salazarista. A poesia de José Gomes Ferreira esteve sempre em oposição ao regime, mesmo porque, como defende o professor Fernando Rosas,

Salazar era o intérprete por excelência daquela tensão entre a ideologia do que devia ser e o realismo do que tinha de ser. Ou seja, de um lado uma filosofia pessoal firmada em convicções de sempre que via no “viver habitualmente”, na honesta mediania, primado do

⁷⁹ Ibid.. Vol II. p. 118.

⁸⁰ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante*. Vol. II p. 118.

espírito, um arquétipo que, como várias vezes o afirma, é preferencialmente interpretado por uma representação tradicional e mítica da vida rural, verdadeiro solo social e político onde se podiam assentar com segurança os esteios da “ordem” e de onde genuinamente brotavam as “virtudes da raça”.⁸¹

A ideologia do poeta não exclui o homem do campo, mas apresenta a este, através da palavra, o poder que cada um possui. O discurso poético centrado no real exige do poeta um futuro remodelado, pois o presente à sombra do regime salazarista não exorta o sonho, a sua lógica lingüística só atende ao chamado da poesia. Entretanto, o “ofício” do poeta, segundo Gomes Ferreira, vai muito além do fazer poético. E mesmo que a faculdade de produzir imagens venha acompanhada de um pessimismo, esse desânimo, paradoxalmente, funda uma “confiança inabalável” seguida de perto por um heroísmo maior de atitudes corajosas de querer “transformar o mundo”.

Eh! Pessimista – chamam-me. Mas é desta visão da Realidade, que tanto irrita aos amigos nos momentos de civismo eufórico, que advém afinal a minha confiança inabalável (*de optimismo difícil*) no longo percurso das idéias generosas que os *optimistas fáceis* tornam depois, no rescaldo da desilusão, medíocres, do tamanho de “parecer que não valem a pena”.

E, no entanto, valem.

O heroísmo surge quando menos se espera. Sobretudo a Fraternidade, que juntamente com a Coragem só nos pertence a nós, os homens (tão miseráveis, tão frágeis, tão pilhas, tão indignos, tão covardes!).

Sim. Haveremos de transformar o mundo. Mesmo em luta contra os Falsos Deuses e contra os buscadores de Absoluto, que muitas vezes arranjam esse álibi (cá temos a explicação-lugar-comum-infalível) para esvaziarem de remorsos no Charco dos Senhores do Planeta, a imaginarem-se de barro diferente para esboços de deuses – sempre adiados.⁸²

A sua justificativa encontra-se na experiência de “que o caminho mais usual dos artistas [são os] “ziguezagues”, de que resultam equívocos de riqueza imprevista que tanto desorientam os críticos”.⁸³ O caminho torto, caro aos artistas, era também uma forma de driblar a censura cada vez mais forte, uma endemia causada pela “cultura de segurança e obediência, o respeito sagrado pelas hierarquias, o temor reverencial face ao “chefe”

⁸¹ ROSAS, F. *Pensamento e Acção Política: Portugal Século XX*. p. 97.

⁸² FERREIRA, J.G. *Imitação dos dias*. p. 160.

⁸³ Ibid. p. 161.

indiscutível”.⁸⁴ Em “Pinhal” (1960), no poema XXIII, escreve o poeta em face da necessidade de trilhar o caminho de “ziguezagues” tão caro aos artistas portugueses sob o regime salazarista:

Hei-de publicar estes versos com tinta invisível
Para que ninguém suspeite
da boca que trago oculta dentro da minha.

Breve deleite
das palavras fora das coisas
no caos das sombras repelidas
a tecerem o nada...

E é tão bom este sabor a cio
do planeta de pele arrancada!⁸⁵

Há na poesia de José Gomes Ferreira uma crítica que incita a “insurreição dos saberes dominados”, para usar termo de Foucault. De acordo com o filósofo, “os saberes dominados são estes blocos de saber histórico que estavam presentes e mascarados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos e que a crítica pode fazer reaparecer, evidentemente através do instrumento de erudição”.⁸⁶ Esse movimento desvelador introduz em seu interior sistemas funcionais centrados também, segundo Foucault, no saber das pessoas. A poesia de José Gomes Ferreira, intervencionista e intelectualizada, fala de questões comuns ao povo e se firma numa filosofia libertária, dentro de uma “cultura de clandestinidade”⁸⁷ como entendia o Partido Comunista português. Esse culto pela cultura da clandestinidade dialoga com a idéia de obscuridade exposta pela filósofa Marilena Chauí quando afirma:

A obscuridade de uma experiência nada mais é senão seu caráter necessariamente indeterminado e o saber nada mais é senão o trabalho para determinar essa indeterminação, isto é, para torná-la inteligível. Só há saber quando a reflexão aceita o risco da indeterminação que a faz nascer, quando aceita o risco de não contar com garantias prévias e exteriores à própria experiência e à própria reflexão que a trabalha.⁸⁸

⁸⁴ ROSAS, F. *Pensamento e Acção Política: Portugal Século XX* p. 99.

⁸⁵ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante*. Vol. III. p. 122.

⁸⁶ FOUCAULT, M. 2004, p. 170.

⁸⁷ ROSAS, F. *Pensamento e Acção Política: Portugal Século XX* . p.105

⁸⁸ CHAUI, M. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. p. 5.

Tendo a palavra como sua grande aliada, o poeta protestou contra as leis estabelecidas pelo Estado, criando, assim, uma “lógica societal” como afirma Michel Mafessoli. Para o sociólogo, essa “é uma lógica do que está *entre-deux*, ou seja, do que é múltiplo. Não mais um sujeito senhor de si, agindo sobre um objeto submisso, mas um trajeto em constante evolução. Por isso, a oscilação entre conhecimento e a vida cotidiana, entre espírito e o sentido”.⁸⁹ Essa lógica exposta pelo sociólogo parece permear a poética de Gomes Ferreira, pois a luta do poeta é contra o sentido de submissão imposto por Salazar, o que acabou por acarretar uma constante evolução de sua poética, tendo como princípio a oscilação entre conhecimento e vida cotidiana. Pelo menos é o que podemos perceber a partir de sua definição sobre poesia.

... defino assim a poesia: é uma forma de conhecimento da Realidade, expressa através de imagens, metáforas e palavras ilógicas, iluminadas pela paixão e revestidas exteriormente contra o gelo mecânico existencial e social disto a que chamam vida.

É um pouco complicado, mas amanhã, neste mar de areia infixável da luta pela expressão, defini-la-ei por certo doutra maneira. Embora talvez mais complicadas ainda. Porque as coisas complicadas não se podem explicar senão complicadamente.⁹⁰

No poema XXVII de “Pinhal”, encontramos uma outra tentativa de definir a complexa arte da poesia. A palavra não resiste à arte de criar imagens e quanto mais ela busca um significado, mais imprime um distanciamento deste. Encontramos uma espécie de vazio, onde a *morte* como representante da falta, determina a ausência de algo que se encontra sem estar presente. Tentar atribuir um significado à poesia é ter consciência de deixar atrás de si sempre uma outra possibilidade, uma subsistência indefinida, indeterminada. Mesmo porque, as definições propostas pelo poeta são quase sempre de ordem imagética. Segundo Blanchot, “A *imagem* de um objeto não somente não é o *sentido* desse objeto e não ajuda à sua compreensão, mas tende a subtraí-lo na medida em que o mantém na imobilidade de uma semelhança que nada tem com que se assemelhar”.⁹¹ Em outras palavras, uma imagem criada não pretende semelhança com um objeto porque ela é já uma forma significativa da tentativa de definir um objeto a partir de sua proposição.

⁸⁹ MAFFESOLI, M. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. p. 12.

⁹⁰ FERREIRA, J.G. *Imitação dos dias*. p.168-169.

⁹¹ BLANCHOT, M. *O espaço literário*. p. 262.

Poesia
– a palavra morte
com nitidez de asas.

Ritmo de martelo nos pregos
a fecharem o Sol no caixote
das manhãs baças.

Espelho para lágrimas de cegos.⁹²

Ao tentar elucidar o que é poesia, por ela mesma, o poeta faz com que a resposta não se feche e permaneça entreaberta. Esse desejo de querer apreender ou fixar algo quase impossível faz de José Gomes Ferreira um poeta consciente de sua eterna condição de aprendiz.

Esta manhã acordei emaranhado na nebulosa de um poema. E corri a taquígrafá-lo.
Como de costume, porém, mal me acomodei à mesa, parei de tremer diante do papel em branco – receoso, hesitante, sarrabiscos de mulheres nuas com cabelos longos nas margens...
Aprendiz.
E desatei a cantar, com boca no coração quente.
A poesia é assim. Uma espécie de maçonaria que só comporta a possibilidade de um grau único: o de aprendiz.
No dia em que um poeta – qualquer poeta – se julgue mestre, deve dirigir-se imediatamente ao espelho mais próximo e rachá-lo com este grito de pedra atirada:
– Olá, morto!⁹³

Um aprendiz nunca cessa de redescobrir, de reinventar. A sua eterna mudança marca o ser humano e a sua esperança cava uma hesitação,

uma dúvida, que dá ao reconhecimento seu caráter dramático; será então a possibilidade de desconhecimento que dará ao reconhecimento sua plena autonomia. O desconhecimento: forma existencial e intramundana cujo sentido o equívoco, forma mais teórica, não consegue esgotar.⁹⁴

⁹² FERREIRA, J.G. *Poeta Militante*. Vol III. p.123.

⁹³ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante*. Vol I. p.167-168.

⁹⁴ RICOEUR, P. *Percurso do reconhecimento*. p. 48-49.

Toda a literatura de José Gomes Ferreira é pautada no desejo de fazer criar uma hesitação constante para que o leitor tenha sempre uma dúvida sobre si, buscando acender o seu desconhecimento para, através de sua imprevisão, fazer nascer o seu *reconhecimento pela autonomia*. O inesgotável universo poético apresentado por Gomes Ferreira nos faz enxergar o nosso equívoco, a nossa falta de humanidade em alguns momentos, pois, como afirma Edward Said, é a linguagem que usamos no humanismo que nos ajuda para o conhecimento de nós mesmos.⁹⁵ Para Said,

O humanismo não consiste em retraimento e exclusão. Bem ao contrário: o seu objetivo é tornar as coisas acessíveis ao escrutínio crítico como o produto do trabalho humano, as energias humanas para emancipação e o esclarecimento, e, o que é igualmente importante, as leituras e interpretações humanas errôneas do passado e do presente coletivos. Jamais houve uma interpretação errônea que não pudesse ser revisada, melhorada ou derrubada. Jamais houve uma história que não pudesse ser em algum grau recuperada e compassivamente compreendida em seus sofrimentos e realizações.⁹⁶

A poesia de José Gomes Ferreira gera um detalhamento dos acontecimentos em versos ou em prosa e conduz-nos de forma altruísta aos outros. No entanto, para se chegar a uma poesia com esse cunho, é preciso esquecer alguns poemas, para mais tarde, num outro contexto, fazê-los renascer com uma significação mais marcadamente esclarecedora.

Em “Dias comuns IV – Laboratório de Cinzas”, o poeta incansavelmente põe-se a redescobrir palavras, cortar outras, buscar o ritmo adequado e devolver à vida os poemas guardados nas gavetas. Esse movimento, que a princípio poderia ser visto de maneira comum, gera logo uma teoria explicativa em seu processo poético. Tentando recuperar poemas “perdidos”, o poeta descobre um passado ainda vivo que pode voltar a viver em seu presente.

[...] desejo puxar o Passado – certo passado ainda vivo – para o Presente. Esticá-lo até hoje durante os momentos necessários. E quando consigo esse milagre – que festa de triunfo!
E aí têm uma das razões da minha juventude (mítica).
Este *sentir poeticamente* com dez anos de atraso.
Este andar com o ontem vivo.⁹⁷

⁹⁵ SAID, E.W. *Humanismo e crítica democrática*. P, 49.

⁹⁶ SAID, E.W. *Humanismo e crítica democrática*. P, 42.

⁹⁷ FERREIRA, J.G. *Dias Comuns IV – Laboratório de cinzas*. p. 23.

Rever poemas e trazê-los à luz do presente foi uma forma “de remodelar toda experiência em categorias nítidas, cheias de sentido e úteis para o presente”.⁹⁸ O que é atual é o resultado de toda uma experiência que desemboca em graus de exatidão em tempo real e imaginário. Segundo Eduardo Lourenço: “Homens e povos acordam tarde sobre si mesmos. É por isso que o essencial das suas actividades se passa a construir esse passado original sem o qual não teriam futuro, ou apenas um presente sem espessura”.⁹⁹ De acordo com Beatriz Sarlo, “o passado recordado está perto demais e, por isso, ainda desempenha funções políticas fortes no presente”.¹⁰⁰ Sentir o “ontem vivo” fez do poeta um esteta inquieto com pretensões muito mais abastadas.

A principal vantagem da minha técnica do diálogo – monologante entre Passado e o Presente é a de me levar a descobrir com mais facilidade o que, em tão pouco tempo, morreu nas palavras da poesia.

E assim encontro às vezes a *passageira eternidade* dos meus versos: a eternidade de mais de dez anos para a frente...

Em resumo: graças a esta técnica misturo o Presente, o Passado e o Futuro num todo deliciosamente inútil!¹⁰¹

O desterro dos versos, tendo-se tornado ausência e esquecimento de si mesmos, oferece ao poeta o meio de se reconhecer, de satisfazer a si mesmo, mesmo que de forma inútil. Gomes Ferreira encontra o homem dos versos perdidos e resgata o passado de forma generosa. É como se o passado guardado em forma de poemas pudesse não só renascer, mas fazer cumprir um presente que determina uma [re]criação de coisas que estavam à espera de seu tempo. No entanto, o passado nunca será mais forte do que o futuro. O poeta resgata o passado para entendê-lo no presente e devolvê-lo ao futuro.

Aceito, orgulhoso, a minha época no seu todo descondizente de angústias e esperanças, misérias e ufânias, fome, Revoluções Sagradas, solidão, astronaves, máquinas electrónicas, incomunicabilidade das almas, comícios de ódio justo, cárceres de sacrifício, caricaturas fraternas, afagos azuis, lua estrangulada...

E assim, desde jovem que Picasso me surge como o artista paradigmático do século – o homem que destrói, em caos, o mundo na cabeça e o recria, em mil direcções divergentes, com dedos de eternidade de infância.

⁹⁸ BOSI, E. Memória e sociedade - lembranças de velhos. p. 419.

⁹⁹ LOURENÇO, E. p. 17.

¹⁰⁰ SARLO, B. *Tempo e passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. p. 60.

¹⁰¹ FERREIRA, J.G., *Dias Comuns IV: Laboratório de Cinzas*, p. 24

A inspiração mistura-se com a luz da inteligência e o artista não se contenta em ver uma única face (nos retratos e na vida). *Quer ser tudo* – recriador-criador que, para além do lodo do presente a desfibrar-se em abstrações, e do pressentimento, em geral idiota, do futuro, repete com gozo de sentido novo as experiências do passado. (Stravinski e Fernando Pessoa pertecem a esta estirpe.)

[...]

Em resumo: coincido integralmente com a minha época de neo-realistas, de surrealistas, de abstractos, de neofigurativos, de concretistas, de dodecafónicos, de pesquisadores de timbres, de Maiakovski, de Kafka, de Prokofiev, de Malraux, de Cholokov, de Sartre, de Aragon, de Drummond de Andrade – e aqui proclamo a honra de ter nascido na Idade de Aquilino, Afonso Duarte, Vieira da Silva e Lopes Graça, sem saudades de qualquer passado. (Ou para ser mais sincero: com saudades da liberdade do século XIX, que há de voltar um dia! há-de voltar um dia!)¹⁰²

4.4 Poesia e Revolução

O ano de 1968 é marcado pelas transformações e revoluções em todo o mundo. Na Europa, a ebulição em França com os estudantes à frente do movimento contra a guerra do Vietnã, a primavera de Praga que acabou por deflagrar um clima de guerra numa busca desenfreada por mudanças que atendessem à demanda do novo grupo, que era contra o capitalismo desenfreado, a guerra fria, e a mídia formadora de uma opinião contrária às necessidades daquela geração. Este movimento criou uma espécie de efeito dominó que acabou se espalhando entre os jovens de todo o mundo numa nova forma de se expressar, contrária às idéias vigentes em seus países.

Em Portugal, Salazar sofre um derrame cerebral que o obriga a uma vida vegetativa e Marcelo Caetano assume o governo em busca de reformas. No entanto, a guerra colonial em África agrava ainda mais a situação em Portugal. Com a incapacidade de Marcelo Caetano à frente do regime, os apoios e as reformas tornam-se impossíveis. Os partidos PS/PCP (Partido Socialista / Partido Comunista Português), segundo Fernando Rosas, “contribuirão não só para uma radicalização decisiva das posições e da intervenção de todo

¹⁰² Id. *Imitação dos Dias*, p. 120-121.

o espectro das oposições ao regime, como instalarão uma agitação na oficialidade intermédia da guerra, que virá a ser fatal”.¹⁰³

No volume III de o *Poeta Militante*, intitulado “Maio-Abril 1968-1975”, José Gomes Ferreira nos brinda com uma série de relatos poéticos, bem de acordo com a necessidade dos “dias comuns”, como gostava de se referir ao cotidiano. No primeiro poema, acrescido de uma epígrafe explicativa de onde parece ter surgido a idéia da composição, o escritor encontra-se no Café Martinho onde o grupo de amigos agora se reúnem. Entre eles estão: Augusto Abelaira, Carlos de Oliveira, Manuel de Azevedo, Vitorino Magalhães Godinho e José Cardoso Pires, que aparece no último encontro. Ao final da epígrafe acrescenta o poeta: “Em Paris, Revolução. Aqui, em Lisboa, chatice”.¹⁰⁴ Com um certo ar de tristeza, José Gomes Ferreira lamenta o fato de Portugal passar imune à crise de 68, sem ao menos, tentar um renascimento.

Que pena! não haver aqui senão barricadas de bocejos
Feitas com canecas de cervejas, amendoins, tremoços e teorias espreguiçadas,
sobretudo teorias com palavras lógicas de corações gelados para salvar o mundo.
Salvarem-no de quê? – desde criança que peço às estrelas que perguntem
que crime cometi antes de me nascerem as mãos.
Herdei-o como quem herda a morte, as árvores, o fogo adormecido,
o pecado original,
a vida passada a papel químico.

Mas por favor não me salvem. Percam-me antes. Percam-me!
Prefiro andar aos tombos com a cabeça a agredir os astros,
neste mundo que, como eu, não quer ser salvo,
mas despedaçado em pequeninas palavras enfim libertas,
soltas do cimento fluido que as prende ao real do sonho.

Deixem-nas correr, correr livres e sem máscaras nas valetas
para se colarem a outras coisas e sonhos diferentes
de magia que a Terra pareça mais nova
com cidades por enquanto construídas com saliva
de bocas de mulheres
– quentes do sangue das bandeiras
agitadas pelo bafo de amor do vento.
Mas por favor não me salvem. Percam-me!¹⁰⁵

¹⁰³ ROSAS, F. *Pensamento e Acção Política: Portugal Século XX*. p. 117.

¹⁰⁴ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante* Vol III. p, 249.

¹⁰⁵ FERREIRA, J.G., *Poeta Militante* Vol III. p, 249.

A década de 60, como bem aponta o professor Fernando Rosas, é uma “época de subversão absoluta, de rotura de todos os limites, de todas as loucuras, um mundo onde o velho ditador e a elite do regime se não reconhecem”.¹⁰⁶ A par disto, o poeta busca compreender a apatia freqüente dos portugueses e dos acontecimentos pelos quais vai passando o mundo. A apreensão do cotidiano é o desejo de tentar entender a transformação e de empreender idéias, com base na atmosfera pública que o ano de 68 se mostrava. O poeta percebe algo de diferente no ar, o futuro está cada vez mais próximo.

O pior é que o futuro cada vez parece menos futuro
neste momento de labaredas em Paris
e os meus lábios não tardarão a apodrecer
porque já me disseram que a Poesia também é pressão,
ópio do povo,
tudo é pressão,
ópio do povo,
tudo menos os homens com o peso do amor.

A revolução agora é outra.

Os comboios já não protestam porque funcionam com suor,
mas porque lhes falta água de colônia nas caldeiras,
e todos os êmbolos se transformaram em sexos.
E os naufragos não procuram nas ilhas
algas roxas e vermelhas
para vestirem a fome.
Preferem ver-se nus para serem verdade.

Ah! mas não julguem que me obrigam a gritar
contra o que sonhei.

Para mim o futuro continua a ser pão comum
em trono do rei.¹⁰⁷

O sonho do poeta de ver a liberdade de novo em Portugal já dá sinais de cansaço, apesar dos acontecimentos, e o enfado toma-lhe o corpo e a mente.

A minha missão é o tédio
Ensiná-lo às árvores.
Embalar as pedras com bocejos.
Quem sabe se já não vivi de mais?

¹⁰⁶ ROSAS, F. *Pensamento e Acção Política: Portugal Século XX*. p. 116.

¹⁰⁷ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante* Vol III. p. 251.

O musgo, sangue dos passos que adormecem
não sei que rumo.¹⁰⁸

A década de 60 foi um período de desgaste e frustração para o regime. A guerra colonial desde o início da década trouxe problemas de ordem econômica e política. O país começou a enfrentar uma série de agitações golpistas, provindas até mesmo do alto comando das Forças Armadas. A dura realidade dos soldados na guerra ultramarina não mudou em nada a postura do primeiro-ministro Marcelo Caetano. A situação lamentável das Forças Armadas era de uma possível derrota por conta de um número reduzido de soldados, obrigando Marcelo Caetano a promover o aumento do efetivo de 3.305, em 1965, para 4.164, em 1973.

Segundo Lincoln Secco,

Em Portugal, um fascismo longo, imperialista e colonialista, encontrou sua agonia militar num conjunto de fatores endógenos e exógenos ao regime, em que os primeiros fatores foram os mais importantes. A condenação geral da Organização das Nações Unidas (ONU) e dos países democráticos ao colonialismo lusitano, a insatisfação dos militares com os combates na África, a desmoralização progressiva das Forças Armadas, que recebiam a culpa pelos insucessos do regime, a insatisfação popular e as demandas corporativas dos militares se somaram. O Império ruía. E ao se desmanchar dava seus últimos e mais pungentes golpes. Não sabia. Mas o fazia. Em 20 de Janeiro de 1973 tombava, assassinado, o líder maior, Amílcar Cabral. Mas não a Revolução Africana. E menos ainda a Revolução Portuguesa em silenciosa marcha.¹⁰⁹

José Gomes Ferreira, através da técnica da escrita diarística apreende a tensão que corrói a estrutura política e moral portuguesa com lampejos lúcidos sobre os acontecimentos que vão moldando o caminho para a futura liberdade tão sonhada. Cada momento é registrado, o tombo de Salazar e a sua operação são descritos da seguinte forma por Gomes Ferreira:

Naquele dia
os anjos mutilaram as mãos de prata
para não o segurarem na queda.

E a terra com alegria

¹⁰⁸ Ibid. Vol III. p. 253-254.

¹⁰⁹ SECCO, L. *A revolução dos cravos*. p. 106.

de não ser abstracta
 não se abriu em alçapões de seda.

Cada vez mais de pedra compacta.¹¹⁰

Com Salazar em coma, o sonho de liberdade torna-se ainda maior. No entanto, o ditador já havia enraizado a sua ideologia. Ou, como escreve Gomes Ferreira na epígrafe para o poema XVI: “Salazar está inutilizado. Tem de ser substituído por “outro-mesmo” com a boca a fingir que fala do avesso. E assim Marcelo Caetano subiu ao trono”.¹¹¹ Em seguida nos brinda com um poema carregado da lucidez de quem já se acostumou à mesmice da pátria em calar a própria voz. Entretanto, Gomes Ferreira insiste no poder da palavra, da possibilidade de renovação ou, como escreve Adauto Novaes com base no pensamento de Paul Valéry: “é a palavra que renova, sem cessar, a mediação do mesmo e do outro”.¹¹² O poeta, em tom totalmente descrente, ironiza ao compor o que seria a manchete de jornal, em busca de um substituto do ditador.

Os jornais não tardarão a publicar este anúncio na primeira página:
 “Procura-se professor de choro fundo
 com prática de morte de canários em gaiolas
 e ginástica de bandeiras negras de cantochão.

Deseja-se também que ensine
 a dar vivas à Liberdade
 a bocas sem vocação”.¹¹³

Mas “os tiranos também morrem como nós”¹¹⁴, e, mesmo que a esperança não sobreviva a este acontecimento, mantêm-se “à espera de haver asas / e liberdade nos abismos”¹¹⁵. A morte de Salazar traz lembranças do sol, sempre coberto “com tules negros / do tamanho de haver sempre noite no planeta”¹¹⁶ numa espécie de lembrança traumática que inibiu o povo português de seguir viagem sem o fantasma da ditadura.

¹¹⁰ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante* Vol III. p. 254.

¹¹¹ Ibid. Vol III. p. 257.

¹¹² NOVAES, A. *O Averso da liberdade*. p. 8.

¹¹³ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante* Vol III. p. 257.

¹¹⁴ Ibid. Vol III. p. 260.

¹¹⁵ Ibid. Vol III. p. 260.

¹¹⁶ Ibid. Vol III. p. 260

E o povo não chora... Que se passa? Guardam as lágrimas para os filhos presos?
 Depressa! Tragam baldes de água podre para encher os olhos desta gente.
 E tirem as crianças dos ombros dos pais, para não avistarem o futuro.
 [...]

Hoje as libações combinam-se pelo telefone,
 saboreia-se de boca em boca o entusiasmo de existir a morte
 para dançarmos a embriaguez da liberdade em segredo.

Escrevam-se datas nas rolhas do champanhe votivo
 que todos tínhamos guardados nas caves
 para beber neste grande Dia da Cova Aberta,

em que ninguém consegue esconder a volúpia da sede.
 E até eu vou erguer, como os outros, a taça negra
 – feliz por não ter de obedecer mais a Sua Alteza, o Devorador de pequeninos sóis.

Sua alteza, que tornou esta pátria mais pequena do que é.
 E não somente a Pátria. O Inferno, o Céu, a hora da Morte, a Agonia,
 Deus, o Sol, a Lua, A Revolução, as almas, a Fé.¹¹⁷

Anos de ditadura criaram no português um comportamento embotado, uma utopia sem futuro, um sonho de fantasmas a afligir a pátria que pareceu ainda menor durante o Estado Novo.

Há anos que os homens arrastam em vão blocos de nuvens com relâmpagos a
 [dormirem dentro
 pedras com perfis escondidos à espera do desbaste das lágrimas,
 fogo fabricado por operários com vocação para dedos de manhãs que não nascem
 E afinal para quê?”¹¹⁸

Em todo o momento paradigmático do presente, segundo Eric Hobsbawm, quando enfrentado sem o entendimento do passado, “as pessoas tateiam em busca de palavras para dar nome ao desconhecido, mesmo quando não podem defini-lo nem entendê-lo”.¹¹⁹ Dessa forma, ainda de acordo com Hobsbawm, a preposição “após”, geralmente usada na forma latinizada “pós”, assinala o “território mental da vida do século XX”.¹²⁰ Assim, podemos dizer que, depois da morte de Salazar, o sentimento de pós-ditadura começou a crescer

¹¹⁷ Ibid. Vol III. p.261.

¹¹⁸ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante* Vol III. p. 262.

¹¹⁹ HOSBSBWM, E. *Era dos extremos: O breve século XX 1914-1991*. p. 282.

¹²⁰ Ibid. p. 282.

entre os portugueses e, mais precisamente, entre os militares, que, cansados da baixa de homens na guerra de África, reúnem-se em torno da figura do capitão Salgueiro Maia – que quatro anos mais tarde deflagraria a Revolução em Portugal, conhecida entre os portugueses como Revolução dos Cravos.

Segundo afirma Kenneth Maxell, em *O império derrotado*, a tentativa de um golpe militar em 16 de Março de 1974, neutralizado pelas forças governamentais, serviu de ensaio para o agrupamento do “Movimento dos Capitães” que mais tarde estabeleceu como ponto de encontro o Regimento de Engenharia 1, na Pontinha. Estabelecido o plano militar do major Otelio Saraiva de Carvalho¹²¹ e tendo como senha as canções difundidas *E Depois do Adeus* e *Grandôla, Vila Morena* para o início da Revolução, rapidamente a tropa se apodera de pontos estratégicos da cidade de Lisboa, como RTP, Rádio Clube Português, Emissora Nacional, Quartel-General da Região Militar de Lisboa e Aeroporto da Portela. Mais tarde, uma coluna da Escola Prática de Cavalaria, proveniente de Santarém e comandada pelo capitão Salgueiro Maia, isola a Praça do Comércio e corta o acesso ao Banco de Portugal e à Rádio Marconi. Com uma ação rápida, eles pegam desprevenidas as forças armadas do regime. Neutralizado o Terreiro do Paço, os militares comandados por Salgueiro Maia, dividem-se em dois grupos, as forças da Escola Prática de Cavalaria deslocam-se para junto do quartel do Comando-Geral da GNR, no Carmo, onde tentarão a rendição de Marcello Caetano que aí se tinha refugiado a conselho de Silva Pais, diretor da polícia política. Após algumas tentativas de negociações, o general Spínola, representante do MFA e aceito como interlocutor por Marcelo Caetano, entra no quartel e obtém a rendição do Presidente do Conselho. Estava feita a Revolução que transcorreu sem nenhum incidente grave; pode se dizer que foi uma revolução sem sangue, como haviam planejado os militares.

José Gomes Ferreira, ainda com o sabor da liberdade, aquecido pelo calor da Revolução, nos brinda com um relato cronológico àquela madrugada de 1974. Vejamos o texto na íntegra.

¹²¹ “O plano militar do major Otelio Saraiva de Carvalho consistia em fechar Lisboa rapidamente, tomar os principais aeroportos, emissoras de rádio e instalações do governo e forçar logo a capitulação do regime. Unidos militares de todo o país foram discretamente sondados, um processo que o governo quer acabou ajudando quando dispersou vários líderes do MFA por quartéis de todo o interior na tentativa de dissolver o movimento nas semanas que antecederam o 25 de Abril”. Cf. Kenneth, M. In: *O império derrotado: Revolução e Democracia em Portugal*. p. 89.

(25 de Abril de 1974)

Manhãzinha cedo, senti acordar-me o sopro da voz ciciada de minha mulher:

- O Fafe telefonou de Caçais... Lisboa está cercada por tropas...

Refilo, rabugento:

- Hã?

E enrolo-me nos lençóis:

- É algum golpe militar reaccionário dos “ultras”... Deixa-me dormir

Mas qualquer coisa começou a magoar-me a pele com dentes frios, para me dissuadir de adormecer.

E daí a instantes a minha mulher insistiu, baixinho, muito baixinho, com medo de não haver realidade:

- Só funciona o Rádio Clube que pede às pessoas que se conservem em casa.

Golpe militar? Reaccionário, evidentemente. Como se poderia conceber outra coisa?

Levanto-me preparado para o pesadelo de ouvir tombar pedras sobre cadáveres. Espreito através da janela. Pouca gente na rua. Apressada. Tento sintonizar a estação da Emissora Nacional. Nem um som. Em compensação o telefone vinga-se desesperadamente. Um polvo de pânico desdobra-se pelos fios. A campainha toca cada vez mais forte.

Agora é o Carlos de Oliveira.

- Está lá? Está lá? É você, Carlos? Que se passa?

Responda-me com uma pergunta qualquer do avesso.

Às oito da manhã o Rádio Clube emite um comunicado ainda pouco claro:

- Aqui, Posto de Comando das Forças Armadas. Não queremos derramar a mínima gota de sangue.

De novo o silêncio. Opressivo. De bocejo. Inútil. A olhar para o aparelho.

Custa-me a compreender que se trate de revolução. Falta-lhe o ruído (onde acontecerá o espetáculo?), o drama, o grito. Que chatice!

A Rosalia chama-me, nervosa:

- Outro comunicado na Rádio. Vem, depressa.

Corro e ouço:

- Aqui o Movimento das Forças Armadas que resolveu libertar a Nação das forças que há muito a dominavam. Viva Portugal!

Também pede à polícia que não resista. Mas senhor dos Abismos!, trata-se de um golpe contra o fascismo (isto é: salazismo-caetanismo).

São dez e meia e não acredito que os “ultras” não se mexam, não contra-ataquem!

Ou tudo ruirá de podre, sem o brandir de uma bandeira qualquer de heroísmo, um berro, um suicídio, um brado? Nas ruas (aviso da janela da sala de jantar) as mulheres correm com sacos de alimentos. A poetisa Maria Amélia Neto telefona-me: “Não resisti e vim para o escritório”.

Os revoltosos estão a conferenciar como ministro do Exército. Na Rádio a canção do Zeca Afonso: *Grândola, vila morena... Terra da fraternidade... O povo é quem mais ordena...*

Sinto os olhos a desfazerem-se em lágrimas. Ainda assisti, ainda assisti à morte deste maldito meio século de opressão imbecil. Ao mesmo tempo nunca vivi horas mais aborrecidas de espera, de frigorífico, ao som de baladas medíocres, sem lances dramáticos. E não serão assim sempre as verdadeiras revoluções?... interrogo-me. Em silêncio. Sem teatro por fora. Em segredo. Com pantufas.

De súbito, aliás, a Rádio abre-se em notícias. O Marcelo está preso no Quartel do Carmo. A polícia e a Guarda Republicana renderam-se. O Tomás está cercado noutro qualquer. E, pela primeira vez, aparece o nome do General Spínola. Novo comunicado das

Forças Armadas. O Marcelo ter-se-ia rendido ao ex-governador da Guiné. (Lembro-me do Salazar: “o poder não pode cair na rua”).

Abro a janela e apetece-me berrar: acabou-se! acabou-se finalmente este tenebroso e ridículo regime de sinistros Conselheiros Acácios de fumo que nos sufocou durante anos e anos de mordagens. Acabou-se. Vai recomeçar tudo.

A Maria Keil telefonou. O Chico está doente e sozinho em casa. Chora. (Nesta revolução as lágrimas são as nossas balas. Mas eu vi, eu vi, eu vi!...)

Antes de morrer, a televisão mostrou-me um dos mais belos momentos humanos da História deste povo, onde os militares fazem revoluções para lhes restituir a liberdade: a saída dos prisioneiros políticos de Caxias.

Espetáculo de viril doçura cívica em que os presos... alguns torturados durante dias e noites sem fim... não pronunciaram uma palavra de ódio de paixões de vingança.

E o telefone toca, toca, toca... Juntamos as vozes na mesma alegria. (Só é pena que os mortos não possam também telefonar da Morte: o Bento de Jesus Caraça, o Manuel Mendes, o Casais Monteiro, o Redol, o Edmundo de Bettencourt, o Zé Bacelar, a Ofélia e o Bernardo Marques, o Pavia, o Soeiro Pereira Gomes e outros, muitos, tantos... Tenho de me contentar com os vivos. Porque felizmente dos vivos poucos traíram ou desanimaram. Resistimos quase todos de unhas cravadas nas palmas das mãos...)

De repente, estremeço, aterrado.

Mas isto de transformar o mundo só com os vivos não será difícil?

Saio de casa. E uma rapariga que não conheço, que nunca vi na vida, agarra-se a mim aos beijos.

Revolução.¹²²

José Gomes Ferreira viveu e escreveu, sobretudo, a propósito da liberdade, sem perder de vista “o mistério do mundo”.¹²³ Além disso, sentiu e escreveu sobre o imobilismo social e cultural em Portugal, sobre os horrores da guerra e as suas consequências. Este asfixiamento crescente em relação ao mundo fez de José Gomes Ferreira um poeta militante que se acostumou a gritar contra a mentira e o oportunismo dos outros.

De quando em quando, grito. Grito muito. Berro. Apaixono-me. Calo-me. (Que outro protesto poderia fazer senão com o silêncio, quando rebentou a primeira infame bomba atômica?) Amo. Odeio, torço pescoços de fantasmas. E sobretudo denuncio. E espanto-me. Do que afinal sempre espantou os poetas dos séculos de sempre. De haver injustiças e estrelas.¹²⁴

O seu grito busca compreender o real a partir de sua dor, daquilo que o desgoverna. O poeta parece entender a realidade a partir do momento em que escreve. Em “O mundo

¹²² FERREIRA, J.G. *Poeta Militante*. Vol. III. p. 263-266.

¹²³ Ibid. Vol. I. p. 127.

¹²⁴ Ibid. Vol. I. p. 9.

dos outros” percebemos essa relação direta com a realidade exterior que desencadeia uma série de associações automáticas que vão ganhando lógica a partir de sua poesia.

A escrita de José Gomes Ferreira pode bem ser lida como uma literatura de testemunho, devido à sua maneira de evidenciar a realidade social e de se colocar com ela através da narração, com a arquitetura de suas articulações e suas expansões nos pormenores concretos.¹²⁵ Raúl Hestnes Ferreira, filho de José Gomes Ferreira, em entrevista concedida a Sara Rodrigues, afirma o que a nossa intuição já previra: que o pai acreditava mesmo era na liberdade, “valor que sempre colocou acima dos outros”. Esta liberdade escrita em forma de gritos, que expulsos de si, encorajam um “rompante de certezas definitivas que ele mesmo destrói e vai alimentando para melhor as destruir ou pôr à prova”,¹²⁶ como nos revela Mário Dionísio. Este parece ser o cerne de sua escrita.

O que se vê e se sente não está necessariamente subordinado ao mundo dos outros, visto que o que se consegue apreender do real (pessoas, objetos) passa a pertencer ao seu rebanho, como nos relata na crônica “A Boca Enorme” do livro *O mundo dos outros*. Lá, ao se deparar com “a pequena sardenta da Cruz Quebrada”¹²⁷, menina que vivia na rua e que acompanha o seu crescimento, ao encontrar com ela no mundo “real”, ele a toma para si, ou melhor, adiciona-a em seu rebanho, pois, segundo o poeta, é assim que teima em designar “esse conjunto de desgraçados” que há anos coleciona e serve para entretê-lo a velar, como se ele, o poeta, fosse uma “espécie de enviado indiferente do destino”, a atuar sem que as vítimas, nem por sombras, suspeitem de sua curiosidade, de sua vigilância. As vítimas e, porque não dizer, o próprio narrador destas crônicas, possuem o mesmo “mundo perdido”, presente no poema já analisado neste trabalho. Lá, o eu lírico, um cego a pressentir e a imaginar o “sol fechado num crânio/ que é outro rosto de treva/ sombriamente a brilhar...”, permite ao poeta ficcionalizar: “Um mundo com outra cor,/ outro jeito de harmonia” e sentir “com o rigor/ a exacta simplicidade/ duma nova geometria”.¹²⁸

Jacques Rancière, em *A partilha do sensível: estética e política*, propõe uma nova maneira de olhar a arte contemporânea. Para ele, seria a circulação da paisagem dos signos que definiria “a nova ficcionalidade: a nova maneira de contar histórias, que é antes de mais

¹²⁵ BARTHES, R. *O rumor da língua*. p. 179.

¹²⁶ DÍONÍSIO, M. In: *Poeta Militante: viagem do Século Vinte em mim*. Vol. I

¹²⁷ FERREIRA, J.G. *O mundo dos outros: histórias e vagabundagens*. p. 41

¹²⁸ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante*. p. 122

nada, uma maneira de dar sentido ao universo “empírico” das ações obscuras e dos objetos banais”. Segundo Jacques Rancière,

essa ordenação literária de signos não é de forma alguma uma auto-referencialidade solitária da linguagem. É a identificação dos modos da construção ficcional aos modos de uma leitura dos signos escritos na configuração de um lugar, um grupo, um muro, uma roupa, um rosto”¹²⁹

que acaba por dar sentido ao real.

Este mundo que emerge da escrita de Gomes Ferreira, “linguagem sombria” a abrir-se em “asas imprevistas/ na atmosfera de cores”, faz parte de seu mundo perdido. A projeção de uma outra realidade invade o interior do poema e apresenta-nos “Um mundo absurdo e natural/ onde os mortos, quando há guerra, erguem-se todos no fim/ em ressurreição Geral”.¹³⁰ O sentimento de dor e grito parece se espalhar pela obra de José Gomes Ferreira. Em “Infância estragada”, do livro *O mundo dos outros*, o poeta mantém acesa a idéia de ir em busca de sua própria realidade, ou melhor, de sua própria verdade.

Desde muito que tenho a sensação absurda de que as conversas aparentemente ocasionais, surpreendidas nas ruas, nos cafés e nos cinemas, obedecem a leis misteriosas tendentes a dar um rumo predeterminado às nossas idéias e preocupações.¹³¹

Ao perceber essas indagações por intermédio dos outros, o poeta se vê obrigado a recordar também a sua infância estragada, a puxar pela memória o que o desgastava por dentro. “A mim foi um professor de matemática quem me estragou a infância” para em seguida relatar como o professor reagia à classe e o motivo da sua indignação com ele:

E quando algum aluno mais palidamente resoluto lhe respondia com assanho, não se enxofrava nem se enfurecia. Pelo contrário, as lunetas luziam-lhe mais cínicas. E, pingante de tranqüilidade cruel, pegava no ponteiro e entretinha a vergastar o pobre rapaz nos dedos, nos braços, na cabeça, ao mesmo tempo que o suplicava com a sua voz fria, gota a gota, como a prova da água na Inquisição.

Foi esse senhor que me estragou a infância, repito, impedindo-me de saborear os 14 anos possíveis de paraíso na terra. As suas lunetas, a sua voz cortante, o seu riso agreste, não me permitiam respirar em liberdade a alegria de possuir pulmões.¹³²

¹²⁹ RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. p. 54-55.

¹³⁰ FERREIRA, J.G. *Poeta Militante*. Vol. I p.123.

¹³¹ Id. *O mundo dos outros*. Vol I. p. 81.

¹³² Ibid. *O mundo dos outros*. p. 84.

A falta de liberdade daquele menino que não podia estar no pátio junto dos outros “a admirarem o sol, as árvores, as nuvens, como brinquedos maravilhosos”, levou-o a entender, e a não se espantar, porque a sua “geração curva, amarelenta e bisonha” falava de suas infâncias estragadas. O exercício mais freqüente de toda a infância era:

imaginar como seria bom residir num mundo à parte, feito à nossa imagem e semelhança, num planeta próprio, pequenino, miniatural, com outra natureza, outras cidades, outras árvores, outros professores de matemática – muito distante da Terra, esse asilo de pessoas ridiculamente crescidas!¹³³

O que José Gomes Ferreira fez ao longo do século XX foi traçar um mapa do visível, criando “relações entres modos de ser, modos de fazer e modos de dizer”.¹³⁴ A sua literatura não busca uma fidelidade, mas sim uma sinceridade com a realidade dos fatos. Somente através da verossimilhança o poeta pôde dialogar com o real, mas só o poeta fala, só ele diz, o real é mudo. Pois, como nos lembra um outro poeta, também português, Almada Negreiros, “quando a realidade fala com tamanha brutalidade é seguramente porque não pode ser ouvida de outra maneira.”¹³⁵

¹³³ Ibid. *O mundo dos outros*. p. 84.

¹³⁴ RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível*. p. 59.

¹³⁵ NEGREIROS, A. *Nome de Guerra*. p. 68.